

## **DO FIM DA PRIVACIDADE À COLONIZAÇÃO DO EU: A DIVERSIFICAÇÃO DAS FORMAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E DE EXERCÍCIO DO CONTROLE NAS SOCIEDADES TECNOLÓGICAS**

Larissa Pinecio Malizan (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Max Rogério Vicentini (Orientador),  
e-mail: mrvicentini@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Área: Filosofia e Sub-área: Epistemologia**

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; Subjetividade; Capitalismo de Vigilância.

### **RESUMO**

Trata-se de um projeto que, por meio da leitura e análise da obra *Colonização da subjetividade* de Nora Merlin (2017), propõe-se a refletir sobre as transformações ocorridas nas sociedades industrializadas atuais quanto à progressiva mediação das TICs (tecnologias de informação e comunicação) no processo de determinação da conduta individual e coletiva. A pergunta fundamental que norteou este trabalho indaga sobre as razões da aceitação quase unânime das TICs em nosso cotidiano que, mesmo diante das evidências crescentes de usos mercadológicos e políticos das informações que nos são tiradas por meio delas, continuam sendo objetos desejados e elevados à condição de gênero de primeira necessidade. A hipótese a ser investigada é a de que um novo tipo de colonização possa estar em curso, aquele denominado por Merlin de colonização da subjetividade.

### **INTRODUÇÃO**

O progresso da informática e o desenvolvimento da internet são as principais características da Era da Informação. A evolução das técnicas, conjunto de recursos e procedimentos tecnológicos, têm colaborado para que mudanças sociais e culturais aconteçam, principalmente por meio da utilização das chamadas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Ao se considerar tais mudanças, percebe-se que o avanço tecnológico e as oportunidades proporcionadas pelas TICs foram convertidas em uma forma de vigilância. Essa abordagem tem como objetivo, em um primeiro momento, o lucro, além de fornecer condições para tornar a sociedade cada vez mais autoritária e repressiva por meio do exercício da violência e da concentração de poder.

A filósofa e psicóloga social Shoshana Zuboff chamou essa prática de "capitalismo de vigilância" e alertou que ele "reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais." (ZUBOFF, 2021, p. 22), ou seja, ao fazer uso das TICs e da internet em geral, os dados gerados são também usados para identificar padrões de comportamentos com a finalidade de utilizá-los para a realização dos objetivos do mercado.

A psicanalista Nora Merlin, em sua obra intitulada *Colonização da Subjetividade*, publicada em 2017, elabora uma hipótese explicativa para a docilidade com que as

pessoas têm adotado condutas mediadas pelas TICs. Essa hipótese afirma que o mercado descobriu uma nova forma de colonização, uma colonização do eu.

Tanto Zuboff (2021) quanto Merlin (2017) apontam o neoliberalismo como elemento central para a consolidação das práticas de vigilância e de colonização, sendo ele o responsável por contaminar o potencial emancipador das TICs.

Esse texto tem por finalidade realizar uma análise da origem das transformações que vêm ocorrendo no modo com que os indivíduos se relacionam com as TICs, seguida de uma investigação a respeito da dependência que a sociedade atual possui em relação a essas novas tecnologias. Propõe-se, então, a refletir sobre os modos de efetivação desse novo tipo de colonização, o da subjetividade, e sobre a possibilidade de resistir e combatê-la.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A metodologia utilizada consistiu, como é comum nos trabalhos de pesquisa da área de filosofia, na análise e discussão de ideias contidas em textos publicados. Para o presente projeto foi analisada a obra *Colonização da subjetividade*, de Nora Merlin (2017), bem como obras de outros autores e comentadores que contribuem para a recente área da filosofia denominada filosofia da tecnologia. A discussão das ideias dos autores e o amadurecimento da interpretação aqui proposta foram obtidos por meio de seminários periódicos, nos quais realizou-se a discussão dos resultados obtidos em cada etapa da pesquisa e aprimorou-se o texto aqui apresentado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por volta do final dos anos 70, as ideias liberais voltaram a ganhar notoriedade nas discussões políticas, de modo que uma espécie de "versão radicalizada" do capitalismo se desenvolveu, ficando conhecida como neoliberalismo. Segundo Merlin (2017), o neoliberalismo não é apenas uma doutrina econômica, uma vez que é também responsável pela produção de uma cultura e de uma subjetividade próprias, além de determinar um padrão social de comportamento.

A nova onda liberal que conduziu à transformação do neoliberalismo em um sistema socioeconômico dirigiu também a expansão do uso das TICs. Em um primeiro momento, as novidades aparentaram ser positivas e portadoras de inúmeros benefícios, entretanto, uma análise das consequências dessa revolução tecnológica mostra que os ganhos estão sendo pagos a um alto custo. Zuboff (2021) cria o termo "capitalismo de vigilância" para descrever esse processo, que pode ser entendido como uma parte específica do capitalismo possibilitada majoritariamente pela desregulamentação promovida pelo neoliberalismo.

Esse novo modelo baseia-se na transformação da experiência humana em mercadoria por meio da vigilância proporcionada pelas TICs. Funciona mediante a extração de dados, tendo como principal fonte os serviços online ofertados como gratuitos. Os proprietários desses serviços são capazes de monitorar o comportamento de seus usuários em um nível que até então não se sabia ser possível, dessa forma, os dados coletados são utilizados também como forma de prever padrões comportamentais.

É importante ressaltar que na maior parte dos casos essa extração de dados ocorre sem a permissão ou conhecimento dos usuários, entretanto, por se tratar de um espaço no qual não há um estabelecimento concreto das leis, a privacidade e os direitos humanos são constantemente violados sem que haja consequências.

Segundo Zuboff (2021), os mecanismos do capitalismo de vigilância passaram a ser o modelo-padrão para os negócios que possuem a internet como base. A autora acredita que até o momento os capitalistas de vigilância são capazes apenas de identificar padrões e tendências já presentes nos indivíduos, mas que em um futuro próximo essa capacidade evoluirá.

Merlin (2017), por sua vez, acredita que esse processo já está em curso. Argumenta que nos dias atuais, com a onipresença da mídia em nossa sociedade, as grandes corporações já não procuram apenas conhecer necessidades e tendências comportamentais, as TICs são agora mobilizadas no sentido de criá-las segundo os interesses do mercado e das corporações. Como consequência desse processo, ressalta Merlin (2017), a conduta humana perde autonomia e consciência crítica.

Mesmo conscientes dessa exploração da privacidade, dessa vigilância que busca se tornar um “leitor de mentes”, desse modelo das TICs que tem sido usado para influenciar as decisões e escolhas de seus usuários, cabe perguntar: por que tais indivíduos se entregam tão facilmente a esse tipo de capitalismo? Por que há tão pouca resistência?

Merlin (2017) sugere que a passividade por parte dos indivíduos se explica pela possibilidade de estar em curso um novo tipo de colonialismo, que explora a subjetividade, e que busca nela realizar transformações para que o indivíduo e a sociedade sejam mais suscetíveis às influências e respondam docilmente aos interesses do mercado. Merlin ressalta que os meios de comunicação, as redes sociais e as políticas de educação e saúde mental são os principais recursos utilizados para exercer esse controle. (MERLIN, 2021)

Desde a sua popularização no início do século XX, os meios de comunicação ocupam uma posição de “garantidores da verdade” e atuam como “porta-vozes” de figuras de autoridade. Se a propaganda é um dos principais elementos para a formação das massas, a propaganda direcionada e personalizada é muito mais eficaz.

O capitalismo instala crenças, medos e angústias nas subjetividades que em momentos de crise favorecem o interesse do mercado e das corporações, esse processo consiste em uma operação de imposição unilateral. Quando se trata das TICs, é imposta à subjetividade uma crença na onipotência e na inevitabilidade dessas tecnologias. (MERLIN, 2020)

Os dispositivos eletrônicos são instruídos a reconhecer e a impor padrões, de modo que passam a conhecer seus usuários. Ao serem capazes de identificar e de criar faltas, são também capazes de supri-las. Dessa forma, os indivíduos constroem uma relação de apego e dependência, pois o Outro, nesse caso a tecnologia, oferece aquilo que falta.

A partir de uma leitura psicanalítica, a autora conclui que a constituição de uma cultura neoliberal só é possível tendo por base a mobilização de uma população, melhor descrita pelo termo massa. Para a psicanalista, a formação de massas está relacionada a impulsos instintivos que surgem da necessidade de se sentir seguro e protegido. Esses sentimentos são alcançados quando indivíduos se unem em torno de um líder ou de uma ideia em comum.

A concepção de massa ultrapassa a ideia de um grupo de pessoas que ocupa um espaço público, ela deve ser pensada como um modo de organização institucional ou até mesmo como uma configuração cultural (MERLIN, 2017, p. 29). Esse modo

de organização é então composto por grupos hipnotizados, dispostos a obedecer incondicionalmente a sua figura de autoridade, a seu líder.

## CONCLUSÕES

Diante desse cenário, Merlin busca alternativas capazes de alterar o rumo pelo qual o neoliberalismo tem até então guiado as TICs. Uma possibilidade consiste em remover as práticas machistas que se consolidaram no capitalismo, ato esse que configura uma profunda mudança cultural. A autora acredita que talvez o aumento da participação de mulheres colabore para uma nova forma de se fazer política, uma forma que não seja nem sexista e nem determinada pelo mercado. Essa mudança representa uma tentativa de se deixar para trás a lógica de poder-submissão.

Junto a isso, a psicanalista propõe uma outra relação política entre democracia e capitalismo: um modelo de comunidade que desafie a homogeneidade característica do neoliberalismo. Sugere o desenvolvimento de uma construção de um populismo ressignificado que fortaleça a autonomia do povo diante das influências globais, uma construção na qual os interesses individuais da vontade popular sejam priorizados.

Independente de qual seja a estratégia escolhida, o fato é que ela precisa ser política e democrática. Concordamos com Merlin em sua crença na democracia soberana e popular como único caminho para fazer frente aos desafios dessa nova forma de autoritarismo representado pelo neoliberalismo ou capitalismo de vigilância, como batizado por Zuboff.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata ao professor orientador Max R. Vicentini pela oportunidade de desenvolvermos juntos este projeto e ao CNPq pelo investimento e incentivo à pesquisa.

## REFERÊNCIAS

MERLIN, Nora. **Colonización de la subjetividad**: los medios masivos en la época del biomercado. Buenos Aires: Letra Viva, 2017. 158p.

MERLIN, Nora. **Crença, tecnologia e subjetividade colonizada**, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600123-crenca-tecnologias-e-subjetividade-colonizada-artigo-de-nora-merlin>> Acesso em: 27 fev. 2023

MERLIN, Nora. **Ilusão neoliberal de independência contribui para servidão jamais vista**. Entrevista. In [https://resistir.info/crise/ilusao\\_neoliberal.html](https://resistir.info/crise/ilusao_neoliberal.html), 2021. Acesso em: 27 fev. 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 938p.